



FERREIRA, Valdinei Aparecido. Protestantismo e Modernidade no Brasil - da utopia à nostalgia. São Paulo: Ed. Reflexão, 2010. 249p.

César Rocha Lima*

Com o original título “Protestantismo e Modernidade no Brasil”, esta obra constitui-se no labor hercúleo do teólogo e sociólogo Valdinei Aparecido Ferreira em sua tese de doutorado junto à Universidade de São Paulo.

O autor divide seu trabalho em quatro partes, abordando nas duas primeiras os conceitos de modernidade e protestantismo, e nas duas restantes o produto de suas evoluções até sua intersecção na realidade brasileira.

No capítulo primeiro, o autor apresenta as reformulações dos conceitos de modernidade através de seus principais expoentes: Jean-François Lyotard, Marshall Berman, Jürgen Habermas, Anthony Giddens, Mike Featherstone, Fredric Jameson, Alain Touraine, Kishore Kumar, Zygmunt Bauman, Peter Berger e Thomas Luckmann. Fecha o capítulo com crítica à teoria da modernização. Ferreira cita os autores clássicos da sociologia na tentativa da compreensão do conceito de *modernidade*, afirmando que esse termo:

Resenha recebida em 15 de setembro de 2012 e aprovada em 10 de dezembro de 2012.

* Mestrando em Ciências da Religião (Universidade Presbiteriana Mackenzie). País de origem: Brasil. E-mail: rochalima42@gmail.com

[...] não está presente no vocabulário dos fundadores da sociologia, mas isso não significa que as questões e os temas discutidos nos dias atuais, com base nesse substantivo, não estejam presentes nos autores clássicos do pensamento sociológico. [...]Assim, o tempo todo – embora sem se valer do substantivo modernidade – os autores clássicos da sociologia estão esquadrinhando o moderno capitalismo industrial e as formas de vida social que o acompanham. (FERREIRA,p.22,24).

Dessa forma, o autor destaca os conceitos de modernidade diluídos nas principais obras de Emile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Em Durkheim ele aponta para a conexão entre as transformações sociais (*modernidade*) ocorridas entre 1841-1872 nos países da Europa e as alterações na taxa de suicídio; em Marx ele destaca os contornos entre a indústria moderna, a exploração e as lutas de classes; em Weber, aponta para os elementos fundamentais do capitalismo moderno gerados pela racionalidade atrelada ao *ethos* da Reforma Protestante do século XVI.

Isso posto, Ferreira identifica no período do Iluminismo as sementes da autocompreensão da modernidade. Primeiramente nas “Cartas Acerca da Tolerância” (1704), de John Locke; em seguida, no ensaio de Immanuel Kant sobre a *Aufklärung* (1784); por fim, destaca o pensamento de Hegel (1770-1831), o qual vê a chave dos tempos modernos no individualismo e na autonomia do agir, evidenciados de forma latente na Reforma Protestante e Revolução Francesa. O autor elenca os contornos da modernidade na esfera: *religiosa* – onde a modernidade é protestante; *filosófica* – com uma modernidade iluminista; *econômica* – numa modernidade capitalista e industrial; e, *política* – com uma modernidade de estado nacional e laico.

Uma vez descrito e pontuado o conceito de modernidade, o autor depara-se com um novo desafio: a relação entre a modernidade e a pós-modernidade – continuidade ou ruptura? Com vistas à solução do problema, ele faz o recorte da pós-modernidade no campo epistemológico, seguindo a análise binomial proposta nas esferas: econômica, política e cultural.

Ferreira conclui que o termo “Pós-modernidade pode ser utilizado para acentuar um deslocamento dentro da própria modernidade, ou ainda, para enfatizar as consequências da própria modernidade”.

O capítulo segundo analisa a discussão conceitual do termo “protestantismo” através de renomados autores como: Peter Berger, A.G. Mendonça, Steve Bruce, Jean Paul-Willaime e Antony Giddens.

O autor inicia o recorte pelo *viés* histórico-denominacional, tomando o *protestantismo* em sua raiz *primeva*, ao lado do catolicismo romano e igrejas orientais e ortodoxas. Prossegue com o recorte teológico, onde a *epistemologia* se constitui num eficaz bisturi para a divisão das vertentes teológicas. Como resultado, quatro fontes de autoridade são elencadas: a) a cultura/razão; b) a bíblia; c) a igreja e; d) o Espírito – as quais redundam, respectivamente, nas seguintes vertentes: a) protestantismo liberal; b) protestantismo conservador; c) catolicismo romano, e; d) pentecostalismo. Aquelas fontes, uma vez combinadas, produzem outras vertentes como: o Espírito e a bíblia – os pentecostais; e, o Espírito e a igreja – os carismáticos. O fundamentalismo, o evangelicalismo e a teologia política não são explicados pelo *viés* epistemológico, mas como refração aos recortes supracitados. O fundamentalismo, como contra-reação à reação do protestantismo liberal à modernidade – desdobrando-se num tipo de mutação chamado *evangelicalismo* – com elementos próprios e herdados. E, a teologia política, como reação ao fundamentalismo, desencadeando as teologias da libertação, feminista e negra – na análise marxista binária – opressor / oprimido.

Por fim, Ferreira realiza articulações entre o recorte histórico-denominacional e o recorte teológico. Pois para ele “a afirmação de que o protestantismo é definido por suas raízes históricas não resolve o problema de aclarar o que ele é na atualidade”. Para ele as linhas teológicas perpassaram as denominações, criando nexos, similitudes e diferenças.

No capítulo terceiro o autor propõe-se a responder qual o lugar ocupado pelo protestantismo na investigação sociológica da modernidade; para isso ele elenca os seguintes autores: François Pierre Guillaume Guizot, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Émile Louis Victor de Laveleye, Max Weber e Ernest Troeltsch.

Iniciando com Guizot – em sua obra “História da Civilização na Europa” – Ferreira faz os seguintes destaques: a) a leitura da Reforma Protestante como progresso social e do espírito humano, “por livrá-lo do jugo do absolutismo em questões espirituais”; b) a exposição do movimento contraditório da Reforma – devido à tensão inaugurada pela prática protestante do livre exame das escrituras e à teoria que “julgava apenas colocar um poder legítimo no lugar de um ilegítimo”; e c) a mensuração dos resultados da Reforma através da comparação entre as nações católicas e protestantes.

Ferreira capta também a visão hegeliana no conjunto de palestras proferidas nos anos de 1830 e 1831, postumamente publicadas, onde a Reforma ocupa lugar de destaque dentro da análise da história universal. O enredo consiste basicamente no desenvolvimento moral do homem, que culmina em sua liberdade no Estado, frente ao qual o ser humano está determinado por si mesmo a ser livre.

Laveleye é citado pela associação que faz do protestantismo com a modernidade, evidenciando as relações entre o protestantismo e o progresso – comparando dados de nações e grupos protestantes e católicos – concluindo que o protestantismo é superior porque promove a alfabetização, desenvolve a força moral e reestrutura a forma de governo.

De Weber, a partir da obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Ferreira destaca as evoluções da principal tese weberiana: a relação entre determinadas manifestações do antigo espírito protestante e a cultura capitalista compreende-se em traços puramente religiosos, explicados nos conceitos de vocação do luteranismo e da motivação para o trabalho do calvinismo – *in majorem Dei gloriam*.

Ferreira cita Troeltsch, na sua obra intitulada “O protestantismo e o mundo moderno”, para responder qual é a colaboração do protestantismo para o surgimento do mundo moderno. Troeltsch faz a distinção entre velho e novo protestantismo, dando ênfase ao velho protestantismo, o qual aponta para a cultura eclesiástica de Lutero e Calvino. Examina, por fim, as relações do velho protestantismo com as diferentes esferas da vida moderna.

Depois de examinar, através dos autores supracitados, as conexões do protestantismo com o mundo moderno, Ferreira investiga o lugar desse: afirma que “liberais, conservadores e pentecostais (re)agem de modo diferenciado diante da modernidade. Cada segmento do protestantismo escolhe faces da modernidade para dialogar e para recusar.”

Em sustentação à sua tese ele apresenta os seguintes expoentes: a) Paul Tillich, o qual não vê a possibilidade de “sobrevivência” do protestantismo no mundo moderno através do simples “protesto”, a menos que reincorpore os aspectos de governo e rito do catolicismo; b) Peter Berger, autor que identifica como secularização a relação entre o protestantismo e modernidade, pois a partir da separação entre Igreja e Estado, cada vez mais os setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos; c) Roger Mehl, que, diferentemente de Tillich e Berger, não problematiza as causas do declínio do protestantismo na modernidade, mas caminha na direção de uma esperança de entendimento entre protestantismo e modernidade; d) Jean Paul-Willaime, autor que parte do pressuposto sociológico que o declínio do protestantismo provocou três grandes tensões: fundamentalismo e liberalismo, clérigos e leigos e confessionalismo e universalismo; e e) Steve Bruce, que explica a relação do protestantismo com a modernidade pelos *vieses* da tolerância e do pluralismo, sendo que o “declínio e êxito frente ao pluralismo moderno devem ser compreendidos como consequências dos pressupostos epistemológicos de cada sistema de crenças”.

Isso posto, Ferreira faz a avaliação entre protestantismo e modernidade nas seguintes articulações dos autores e conceitos supracitados: a) nas análises de Guizot, Hegel e Laveleye é possível afirmar que há um ponto de convergência entre o protestantismo e a liberdade, como reação ao modo de governo absolutista e ao catolicismo romano; b) em Weber e Troeltsch, destacam-se neste as distinções entre o velho e novo protestantismo e naquele a contribuição protestante com base na religiosidade ascética, e; c) nos autores, Tillich, Berger, Jean Willaime e Bruce, destaca-se o exame no declínio do protestantismo durante o século XX (*secularização*).

Finalizando o capítulo, Ferreira descreve a relação entre o protestantismo e a modernidade na América Latina. Apesar do seu fechamento diante do desenvolvimento da consciência de modernidade no século XIX (*devido aos compromissos de Espanha e Portugal com o antigo regime de cristandade católica*), isto é quebrado através das elites liberais, com o forte impacto do pentecostalismo.

Depois de discutidas as correlações entre protestantismo e modernidade, Ferreira, no quarto capítulo, passa a discutir tal articulação na história no Brasil. Para tanto, ele vai elencar o nome de alguns missionários protestantes estadunidenses que, no período do Império, relataram as suas visões de modernidade: Daniel Parrish Kidder, que apresentou a “imigração como o caminho mais rápido para que o Brasil se colocasse na trilha do progresso”; James Cooley Fletcher, que teve como plano de ação “converter o Brasil ao protestantismo e ao progresso”, realizando exposições de produtos estadunidenses à elite imperial; Ashbel Green Simonton e Martha Hite Watts, que compreendiam que a criação de escolas protestantes e a pregação da mensagem bíblica se constituiriam na pavimentação de estradas para a modernidade.

Com a Semana de Arte Moderna em São Paulo (1922), inaugura-se um novo momento na construção da identidade nacional que se cristaliza num grande

dilema em relação ao que é moderno: o nacional ou o estrangeiro? Esse conflito irá se desdobrar no protestantismo nacional marcadamente “de missão”.

Por fim, o autor, enviesado na teoria sociológica de Anthony Giddens, utiliza o conceito de reflexividade para interpretar os conflitos em torno do protestantismo moderno. O protestantismo liberal será o fruto de uma hermenêutica reflexiva que vai afetar a Igreja Presbiteriana Independente em 1938, produzindo o movimento fundamentalista através da Igreja Presbiteriana Conservadora (dissidente).

Considerando os aspectos históricos, teológicos e sociológicos, todos costurados e alinhavados sob o fio condutor das relações entre protestantismo e modernidade, recomenda-se a leitura da obra por julgar sua leitura indispensável a uma boa compreensão da evolução do protestantismo, particularmente de seus caminhos em solo brasileiro.